

RHORMENS, Mariana Conde. **Tradições moçambicanas: o Mapiko**. Mestrado em Artes da Cena. Orientação: Matteo Bonfitto: Seminário de Pesquisa do programa de Pós-Graduação em Artes da Cena UNICAMP, Unicamp, 2013.

RESUMO

O presente trabalho pretende explorar a vida cultural tradicional de Moçambique, rica em cantos e danças tradicionais realizados pelos diferentes povos dentro do país. O trabalho discorre sobre as danças tradicionais que acontecem nas diferentes províncias do país e suas principais características, tendo como foco a manifestação Mapiko do povo Maconde (Província de Cabo Delgado).

Palavras-chave: Mapiko, Máscara, Moçambique.

ABSTRACT

This article intends to explore Mozambique's traditional cultural way of living, full of traditional chants and dances performed by different people among the country. The article describes intensively the traditional dances that are performed in the different provinces of the country and its main characteristics, focusing on the Mapiko's manifestation of Maconde's people (Province of Cabo Delgado).

Keywords: Mapiko, Mask, Mozambique

Espera-se, com este estudo, conhecer um pouco mais sobre a cultura moçambicana tomando como ponto de partida o contexto histórico, geográfico e político em que se inserem alguns aspectos de suas manifestações culturais. Para o atual trabalho é de grande relevância um entendimento geográfico, climático, histórico e político do país Moçambique, pois suas festas e danças tradicionais sofrem influências de aspectos naturais e da trajetória histórica de dominações, guerras e conquistas. Serão observadas suas influências a seguir, após essa breve abordagem.

Moçambique está localizado na África Oriental, faz fronteira com Tanzânia,

Malawi e Zambia, Zimbabue, África do Sul e possui uma extensa costa para o Oceano Índico. As formações montanhosas perdem suas altitudes à medida que se aproximam da costa. O curso das águas é determinado por tal relevo e a água é abundante no norte e escassa no sul. O país tem um clima úmido e tropical e é influenciado pelo regime de monções do Índico e pela corrente quente do canal de Moçambique. Possui, então, estações secas de Junho a Setembro e estações chuvosas ocorrem entre Outubro e Abril. As zonas secas, planas e com poucas vegetações, podendo surgir uma ou outra árvore são ambientes propícios ao habitat de leões, veados, elefantes e girafas.

Moçambique passou por muitas transformações políticas que reorganizaram e reestruturaram o país social e culturalmente. Primeiramente Portugal transformou Moçambique em sua colônia. Com o fim da colonização portuguesa, depois de uma guerra de libertação; com a configuração de um Moçambique livre em 1975, passou por um regime socialista e chegou ao pluripartidarismo (situação política atual).

Vivenciadas todas as transformações históricas, políticas e sociais, os povos moçambicanos e seus costumes, crenças, organizações sociais e festas se modificaram com o passar dos anos.

Moçambique é dividido em onze províncias: Niassa; Cabo Delgado; Nampula; Zambézia; Tete; Manica; Sofala; Inhambane; Gaza; e Maputo. Nas diferentes províncias os moçambicanos se distribuem em distintos grupos étnicos: (Bi)Tonga, Chopi, Povos do baixo Zambeze, Maconde, Macua, Tsonga, Xonakaranga, Nguni, Islamizados do litoral norte, Yao, Maravi. Cada povo possui sua cultura, crenças, tradições e língua (embora a língua oficial do país seja o português).

Moçambique, com seus muitos povos e línguas também é repleto de danças tradicionais, tais como Xigubo, Tahura, Tamadune, Tufo, Maulide, Lingundumbwe, Nyau e Mapiko, sendo as três últimas danças mascaradas.

O Mapiko é uma dança tradicional do povo Maconde da província de Cabo delgado. Com uma máscara que representa um espírito ancestral Maconde, ao ritmo da percussão e cantos tradicionais o dançarino misterioso, pois sua identidade não é revelada, executa diversos passos de Mapiko. As condições climáticas, geográficas e políticas como já dito, interferem de fato na cultura dos moçambicanos. O Mapiko

é influenciado diretamente por tais condições.

Devido a sua localização protegida por zonas íngremes de difícil acesso e por florestas densas, os Macondes mantiveram-se isolados até o século XX, quando os portugueses conseguiram controlar as zonas por eles habitadas. Por esse motivo conseguiram manter e guardar sua cultura. São um povo muito ligado a agricultura e escultura, desta forma suas máscaras, que refletem sua estética e cultura, são apreciadas pelo mundo todo.

O planalto dos Macondes foi palco da guerra de libertação de Moçambique (1964-1974). Convivendo com exércitos portugueses e guerrilheiros moçambicanos da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) os Macondes participaram efetivamente da guerra pela independência. Durante um período, muitos Macondes fugiram para o sul da Tanzânia, de onde depois regressaram e venceram a guerra, conquistando um Moçambique livre e independente.

Durante as estações chuvosas, que ocorrem entre os meses de outubro e abril, a província de Cabo Delgado vive uma época de escassez de alimentos. Devido à grande quantidade de água, as colheitas não acontecem. Durante tal período, as danças e festas são raras, sendo o Mapiko dificilmente encontrado. Entretanto entre abril e outubro, onde as condições climáticas facilitam a colheita e corresponde também a um período onde se encontram muitas datas com feriados nacionais, os quais são muitas vezes comemorados ao som do Mapiko, a dança é realizada com frequência.

Com o passar dos anos e com as diversas transformações que Moçambique e o povo Maconde sofreram, o Mapiko adaptou-se. Na época da colônia por exemplo, surgiram novas máscaras que até então não existiam, como a representação de outras etnias africanas ou a máscara do português. Com o fim da guerra de libertação o governo socialista usou-se do Mapiko para comunicar valores e ideias defendidas pelo governo, patrocinando grupos de Mapiko que trabalhavam com essa temática. Passaram então a surgir máscaras de personalidades específicas e não apenas tipos gerais, como por exemplo, a do presidente Samora Marcel.

Atualmente essas formas de Mapiko coexistem. Há grupos que realizam o Mapiko tradicional como feito originalmente, e existem também grupos de Mapiko

mais modernos que atualizaram suas máscaras, assuntos, danças e temas. O Mapiko, hoje em dia, não é só encontrado em rituais de iniciação e cerimônias de enterros ou colheitas, como em sua origem, mas também em feriados nacionais, em comícios políticos e até em jogos de futebol.

Outras danças tradicionais moçambicanas realizadas pelo país sofrem também influências do clima, geografia e história de Moçambique. Brevemente algumas danças tradicionais serão apresentadas, tais como Xigubo, Tahura, Tamandune e Tufo.

O Xigubo é praticado predominantemente nas regiões das províncias de Gaza e Maputo. Tem forte ligação com a trajetória história política de Moçambique pois sua dança representa a resistência colonial. O Xigubo também é conhecido como “dança dos guerreiros” pois era dançado como forma de preparar os guerreiros militarmente e também para festejar vitórias. Os dançarinos ficam alinhados em uma ou mais filas com enfeites de fibras pelos braços e pernas. Os cantos trazem letras que relatam vitórias e feitos históricos, assim como acontecimentos sociais.

Tahura é uma dança muito antiga ligada ao ciclo dos plantios, portanto influenciada por aspectos climáticos da região. É realizada no período de colheitas, mas também pode ocorrer em cerimônias funerais e ritos de iniciação. Tahura significa, na língua Macua, “bataque grande”. Em círculos, segurando enxadas ou pedaços de pau, bebe-se e dança-se a noite toda como forma de expressar a alegria pela colheita conquistada e agradecimento aos espíritos por ter proporcionado boa colheita. Homens e mulheres adultos participam da dança utilizando um pano preto amarrado em forma de saia e um lenço branco. Em suas pernas os dançarinos amarram chocalhos para que produzam som durante a dança ao bater dos pés no chão. As canções retratam o dia-a-dia da vida econômica e social da comunidade.

A dança Tamadune de Cabo Delgado, executada por mulheres é praticada em recepções de recém-iniciados (meninos ou meninas). Os homens participam da manifestação como instrumentistas. O nome Tamadune é uma homenagem a uma mulher Maconde co-fundadora do grupo cultural. A dança acontece em roda, sem um traje específico, duas a duas mulheres destacam-se no meio da roda dançando ao som de seis batuques e canções entoadas pelo coro. Tem forte ligação com o

passado histórico e político de Moçambique, que permanece vivo lembrado pelas músicas cantadas.

A dança Tufo (originalmente das províncias de Nampula e Cabo Delgado) retrata a influência de outras civilizações em Moçambique em sua trajetória histórica. De origem árabe, está ligada à religião mulçumana e é praticada em cerimônias, festas e datas específicas do calendário islâmico.

O Tufo é essencialmente feminino e os homens podem participar sendo responsáveis pelos instrumentos, entretanto existem grupos formados apenas por mulheres. Na manifestação as mulheres, predominantemente adultas, aparecem maquiadas e com rosto pintado de Mussiro (produto cosmético natural). O traje e os adornos são fundamentais. Uma hierarquia entre as dançarinas de tufo é estabelecida, com a designação de uma rainha. Para a escolha de tal rainha, os critérios utilizados são a beleza das linhas do rosto e o corpo que simbolizam a feminilidade da mulher Macua. O uniforme é formado por capulanas (tecidos estampados) amarradas à cintura, blusas e lenços sempre coloridos.

A forte ligação com a natureza (condições geográficas e climáticas) e com sua tradição e trajetória (história política, social, guerras e conquistas) permeiam as inúmeras danças e cantos tradicionais moçambicanos. Atualmente existem em Moçambique festivais que trazem diversos grupos tradicionais para apresentarem juntos, possibilitando um conhecimento de várias manifestações moçambicanas e o convívio entre elas.

Explorar a vida cultural de um povo é algo que tem início e certamente não tem fim. Tal exploração nos leva a percorrer caminhos surpreendentes e inesperados. São caminhos cercados de digressões incertas que paradoxalmente nos levam ao caminho correto, já que não há caminho certo. Há, sim, o caminho que se percorre e as mudanças que este caminho nos provoca. Nunca se sabe quando ou onde se chega, mas certamente, percorrer este caminho, nos faz repensar nossa própria cultura.

Referências bibliográficas

BORTOLOTT, Alexander. **A Language for Change: Creativity and Power. In Mozambican Makonde Masked Performance, circa 1900-2004.** Tese (doutorado) Columbia University, 2007.

DIAS, Jorge. **Os Macondes de Moçambique III Vida Social e Ritual.** Lisboa: Bertrand Irmãos, Lda, 1964.

DUARTE, Ricardo Teixeira e GRAÇA, João Manuel Ferraz Machado. **Máscaras.** Porto: Comissário-Geral de Moçambique na Exposição Universal de Servilha, 1992.

FERREIRA, Rita. Povos de Moçambique: história e cultura. Porto: Afrontamento, 1975.